

Nora Roberts
**HERANÇA
DE
VERGONHA**

TRADUÇÃO DE ANA BEATRIZ MANSO



CHÁ D'ASCÍNCO
Livros com sexto sentido

CAPÍTULO UM

Amanda andava a preparar-se para este momento há anos, sabendo que ele chegaria, desejando que não chegasse. O que era justo e correcto para com um dos homens que amara era uma injustiça para o outro, qualquer que fosse o caminho que escolhesse.

Mas não era com nenhum deles que tinha de preocupar-se agora. Nem podia ficar a matutar na sua própria vergonha.

Era só em Shannon que tinha de pensar. Só a Shannon que tinha de magoar.

A sua bela e brilhante filha que só lhe dera alegrias. Um orgulho para ela. A dor invadia-a como um fluxo de veneno, mas ela cerrou os dentes. Agora haveria sofrimento, pelo que iria acontecer em breve, pelo que acontecera há todos aqueles anos na Irlanda. De todo o coração, ela desejava conseguir arranjar maneira de o atenuar.

Viu a filha a voltar para dentro, os movimentos rápidos e graciosos, a energia nervosa subjacente. Mexe-se como o pai, pensou Amanda. Não como Colin. O querido e doce Colin arrastava-se, desajeitado como um cachorro demasiado crescido.

Mas Tommy tinha os passos leves.

Shannon também tinha os olhos de Tommy. O vívido verde-musgo, límpido como um lago ao Sol. O frondoso cabelo acastanhado que balançava sedosamente até ao queixo era outra herança da Irlanda. Ainda assim, Amanda gostava de pensar que a forma do rosto da sua filha, a pele cremosa e a suave boca carnuda tinham sido dádivas suas.

Mas fora Colin, abençoado seja, que lhe dera determinação, ambição e um constante sentido de identidade.

Sorriu enquanto Shannon lhe lavava o rosto pegajoso. — Ainda não te disse vezes suficientes o quanto me deixas orgulhosa, Shannon.

— Claro que já disse.

— Não, deixei-te perceber que fiquei desiludida por não teres escolhido a pintura. Foi egoísta da minha parte. Sei melhor do que ninguém que o destino de uma mulher deve ser escolhido por ela.

— A mãe nunca tentou dissuadir-me de ir para Nova Iorque nem de mudar para a arte gráfica. E eu ainda pinto — acrescentou com um sorriso cúmplice. — Estou quase a terminar uma natureza morta que acho que vai gostar.

Porque é que não tinha levado a tela consigo? Bolas, porque é que não pensou em empacotar alguns quadros, até mesmo um bloco de esboços, para poder sentar-se ao pé da mãe e dar-lhe o prazer de os ver?

— Aquele é um dos meus preferidos. — Amanda apontou para o retrato na parede da sala de estar. — O do teu pai a dormir na cadeira do jardim.

— A arranjar coragem para aparar a relva — disse Shannon com um riso abafado. Pondo de lado o pano, sentou-se ao lado da cama. — E sempre que perguntávamos porque é que ele não contratava um rapaz para aparar a relva, ele afirmava que gostava de fazer exercício e ia lá para fora e ador-mecia.

— Ele nunca deixou de me fazer rir. Sinto falta disso. — Esfregou a mão no pulso de Shannon. — Eu sei que também sentes a falta dele.

— Ainda penso que ele vai entrar de rompante pela porta da frente. «Mandy, Shannon», diria, «vistam os vossos melhores vestidos, acabei de conseguir que o meu cliente ganhasse dez mil no mercado e nós vamos jantar fora.»

— Ele realmente adorava ganhar dinheiro — ponderou Amanda. — Era cá um jogo para ele! Nunca havia ali dólares e cêntimos, nem ganância ou egoísmo. Só o puro gozo. Como o gozo que ele tinha em andar de terra em terra de dois em dois anos. «Vamos ver-nos livres desta terra, Mandy. O que é que dizes a experimentarmos o Colorado? Ou Memphis?»

Abanou a cabeça com uma gargalhada. Ah, sabia bem rir-se, fingir só por um bocadinho que estavam apenas a conversar como sempre haviam feito. — Por fim, quando nos mudámos para cá, disse-lhe que já me chegava de fazer de cigana. A nossa casa era aqui. Ele assentou como se apenas tivesse estado à espera pela hora e lugar certos.

— Ele adorava esta casa — murmurou Shannon. — E eu também. Nunca me importei com as mudanças de terra. Ele sempre fez disso uma aventura. Mas lembro-me, cerca de uma semana depois de nos instalarmos, de estar sentada no meu quarto a pensar que, desta vez, queria ficar. — Sorriu à mãe. — Acho que todos sentimos o mesmo.

— Ele teria movido montanhas por tua causa, lutado com tigres. — A voz de Amanda tremeu antes de ela a estabilizar. — Tu sabes, Shannon, sabes *mesmo* o quanto ele te amava?

— Sim. — Levantou a mão da mãe e apertou-a contra o rosto. — Sei, sim.

— Lembra-te disso. Lembra-te sempre disso. Tenho coisas para te contar, Shannon, que podem magoar-te, deixar-te zangada e confusa. Desculpa-me por isso. — Respirou fundo.

Houvera mais coisas no sonho para além de amor e sofrimento. Hou-

vera urgência. Amanda sabia que não teria sequer as escassas três semanas que o médico lhe prometera.

— Mamã, eu compreendo. Mas ainda há esperança. Há sempre esperança.

— Não tem nada a ver com isto — disse ela, levantando uma mão para abranger a temporária sala de doente. — É de antes, querida, de muito antes. Quando fui visitar a Irlanda com uma amiga e fiquei no Condado de Clare.

— Nunca soube que a mãe tinha estado na Irlanda. — Shannon achou estranho pensar nisso. — Todas as viagens que fizemos, sempre me perguntei porque é que nunca tínhamos lá ido, visto que a mãe e o Papá tinham ambos raízes irlandesas. E sempre senti esta... ligação, esta estranha espécie de atracção.

— Sentiste? — disse calmamente Amanda.

— É difícil de explicar — murmurou Shannon. Sentindo-se tola, porque não era mulher para falar de sonhos, sorriu. — Sempre disse a mim mesma que, se alguma vez arranjasse tempo para umas longas férias, seria para lá que iria. Mas, com a promoção e a nova conta... — Afastou a ideia de complacência. — Seja como for, lembro-me que, sempre que falava em ir à Irlanda, a mãe abanava a cabeça e dizia que havia muito mais lugares para ver.

— Eu não suportava lá voltar, e o teu pai compreendia. — Amanda comprimiu os lábios, estudando o rosto da filha. — Ficas aqui ao meu lado e ouves? E, oh, por favor, por favor, tentas compreender?

Havia um novo e desconhecido tremor de medo a trepar pela espinha de Shannon acima. O que poderia ser pior do que a morte?, pensou. E porque é que estava com tanto medo de o ouvir?

Mas sentou-se, mantendo as mãos da mãe nas suas. — A mãe está perturbada — começou. — Sabe como é importante manter-se calma.

— E usar fantasias produtivas — disse Amanda esboçando um sorriso.

— Pode funcionar. A mente sobre a matéria. Tanto quanto tenho andado a ler...

— Eu sei. — Até o esgar do sorriso desaparecera agora. — Quando era pouco mais velha do que tu, viajei com uma boa amiga — chamava-se Kathleen Reilly — para a Irlanda. Foi uma grande aventura para nós. Éramos mulheres adultas, mas ambas provínhamos de famílias rígidas. Tão rígidas, tão convictas, que eu já tinha mais de trinta anos quando tive a coragem de tomar tal decisão.

Virou a cabeça para poder ver o rosto de Shannon enquanto falava. — Tu não compreenderias isso. Sempre foste segura de ti, e corajosa. Mas,

quando eu tinha a tua idade, ainda nem tinha começado a tentar libertar-me da minha cobardia.

— A mãe nunca foi covarde.

— Oh, fui, sim — disse Amanda, calmamente. — Fui, sim. Os meus pais eram irlandeses com aspirações de classe média, virtuosos como três papas. A maior desilusão deles — mais por razões de prestígio do que de religião — foi o facto de nenhum dos seus filhos ter tido vocação.

— Mas a mãe era filha única — interrompeu Shannon.

— Uma das verdades que não respeitei. Disse-te que não tinha família, deixei-te acreditar que não tinha ninguém. Mas tinha dois irmãos e uma irmã, e não trocamos uma palavra desde antes de tu nasceres.

— Mas porque é que... — Shannon recompôs-se. — Desculpe. Continue.

— Sempre foste uma boa ouvinte. O teu pai ensinou-te a sê-lo. — Fez uma breve pausa, pensando em Colin, implorando para que o que ela estava prestes a fazer fosse o correcto para todos eles. — Não éramos uma família chegada, Shannon. Havia uma... uma inflexibilidade na nossa casa, uma rigidez de regras e preceitos. Foi debaixo de ferozes objecções que saí de casa para viajar para a Irlanda com a Kate. Mas fomos, tão entusiasmadas como colegiais num piquenique. Primeiro para Dublin. Depois em frente, seguindo os nossos mapas e os nossos faros. Senti-me livre pela primeira vez na vida.

Era tão fácil recordar aquilo tudo, apercebeu-se Amanda. Mesmo passados todos estes anos em que ela suprimira aquelas memórias, elas conseguiam vir agora novamente à tona, tão límpidas e puras como a água. O riso nervoso de Kate, o engasganço do carro minúsculo que tinham alugado, os caminhos errados e os certos que tinham tomado.

E o seu primeiro olhar de espanto para os contornos dos montes, as falésias em forma de lança da costa Oeste. A sensação de regresso a casa que ela nunca esperara, e nunca mais sentira.

— Queríamos ver tudo o que conseguíssemos, e, quando chegámos à costa oeste, encontrámos uma estalagem encantadora sobre o rio Shannon. Instalámo-nos lá, decidimos que podíamos fazer dela uma espécie de base enquanto fazíamos viagens diárias de carro de um lado para o outro. As Escarpas de Mohr, Galway, a praia em Ballybunnion, e todos os lugarzinhos fascinantes que se encontram à beira das estradas onde menos se espera.

Nessa altura, olhou para a filha, que tinha os olhos lancinantes e brilhantes. — Oh, quem me dera que lá fosses, para veres, sentires por ti mesma a magia do lugar, o mar a lançar-se como relâmpagos sobre as falésias, o verde dos campos, o sabor do ar quando chove de maneira tão suave e doce

— ou quando o vento sopra com força desde o Atlântico. E a luz é como uma pérola pincelada de ouro.

Aqui havia amor, pensou Shannon, perplexa, e um anseio de que nunca suspeitara. — Mas a mãe nunca mais lá voltou.

— Não. — Amanda suspirou. — Nunca mais lá voltei. Alguma vez te perguntas, minha querida, como é que uma pessoa consegue planejar as coisas com tanto cuidado, quase saber o que vai acontecer no dia seguinte, e no próximo, e depois acontece uma qualquer ninharia, uma qualquer ninharia aparentemente insignificante, e altera-se o padrão? Nunca volta a ser exactamente a mesma coisa.

Não era tanto uma pergunta mas sim uma afirmação. Por isso, Shannon limitou-se a esperar, perguntando-se que pequena ninharia teria mudado o padrão de sua mãe.

A dor tentava regressar, astutamente. Amanda fechou os olhos por um momento, concentrando-se em derrotá-la. Iria aguentar, prometeu a si mesma, até ter terminado o que começara.

— Certa manhã — estávamos no final do Verão e a chuva era inconsistente, — a Kate estava a sentir-se adoentada. Decidiu ficar na estalagem, para descansar na cama durante o dia, ler um bocadinho e apaparicar-se a si mesma. Eu estava irrequieta, com a sensação de que havia sítios aonde tinha de ir. Portanto, peguei no carro e arranquei. Sem o planejar, cheguei a Loop Head. Conseguia ouvir as ondas a rebentar quando saí do carro e me dirigi às escarpas. O vento soprava, assobiando através da relva. Conseguia cheirar o mar e a chuva. Havia ali um poder que tamborilava no ar ao mesmo tempo que a rebentação tamborilava nas rochas.

»Vi um homem — continuou, agora mais lentamente — parado no sítio onde a terra deslizava para o mar. Olhava sobre a água, para a chuva — para oeste, em direcção à América. Só lá estava ele, curvado, com um casaco molhado e um boné a pingar a tapar-lhe os olhos. Virou-se, como se apenas estivesse ali à minha espera, e sorriu.

Subitamente, Shannon quis pôr-se em pé, dizer à mãe que era altura de parar, de descansar, de fazer tudo menos continuar. Tinha fechado as mãos em punho sem se aperceber. No seu estômago, sentia que um bem forte e maior lhe batera.

— Ele não era novo — disse Amanda suavemente. — Mas era atraente. Havia algo tão triste, tão perdido nos seus olhos. Sorriu e disse bom-dia, e que belo dia estava enquanto a chuva nos batia na cabeça e o vento nos esbofetava o rosto. Ri-me, porque, de certa forma, estava um belo dia. E embora eu tivesse crescido habituada à música com o sotaque do Oeste da Irlanda, a voz dele era tão encantadora que eu sabia que poderia passar horas a ouvi-la. Então ficámos ali parados a conversar,

sobre as minhas viagens, sobre a América. Ele era agricultor, disse-me. Um mau agricultor, e era pena porque tinha duas filhas pequenas para sustentar. Mas não havia tristeza no seu rosto quando falou delas. O rosto iluminou-se-lhe. A sua Maggie Mae e a Brie, chamava-lhes ele. E sobre a mulher pouco disse.

»O sol apareceu — disse Amanda com um suspiro. — Apareceu lenta e encantadoramente enquanto estávamos ali parados, a modos que deslizando através das nuvens em pequenas faixas de ouro. Caminhámos pelos caminhos estreitos, conversando, como se nos conhecêssemos desde sempre. E eu apaixonei-me por ele nas altas falésias trovejantes. Devia ter ficado assustada. — Olhou para Shannon, tentando agarrar-lhe na mão. — Sim, fiquei envergonhada, porque ele era um homem casado e com filhas. Mas pensei que era só eu a senti-lo, e que pecado poderá haver na alma de uma velha solteira deslumbrada por um homem atraente numa certa manhã?

Foi com alívio que sentiu os dedos da filha entrelaçarem-se nos seus. — Mas não fui só eu que o senti. Voltámos a ver-nos, oh, de forma suficientemente inocente. Num bar, nas falésias, e uma vez ele levou-me a mim e à Kate a uma pequena feira às portas de Ennis. Não se podia manter inocente. Não éramos crianças, nenhum de nós, e o que sentíamos um pelo outro era tão forte, tão importante, e, tens de acreditar em mim, tão certo. A Kate sabia — qualquer pessoa que olhasse para nós poderia ter percebido — e falou comigo como uma amiga faria. Mas eu amava-o, e nunca fora tão feliz como quando ele estava comigo. Nem por uma vez ele fez promessas. Tínhamos sonhos, mas não havia promessas entre nós. Ele estava ligado à mulher, que não sentia amor por ele, e às filhas, que ele adorava.

Humedeceu os lábios secos, sorveu novamente a palhinha quando Shannon, emudecida, lhe ofereceu o copo. Amanda fez outra pausa, porque agora ia ser mais difícil.

— Eu sabia o que estava a fazer, Shannon; na verdade, foi mais por minha causa que nos tornámos amantes. Ele foi o primeiro homem a tocar-me, e quando o fez, finalmente, foi com tal delicadeza, tal cautela, tal amor, que chorámos juntos no final. Porque sabíamos que nos tínhamos encontrado tarde demais, e que era escusado. Mesmo assim, fizemos planos tolos. Ele haveria de arranjar maneira de deixar a mulher com sustento e de trazer as filhas para o pé de mim, na América, onde seríamos uma família. O homem desesperava por uma família, tal como eu. Falávamos os dois naquele quarto olhando sobre o rio e fingíamos que era para sempre. Tivéramos três semanas, e cada dia era mais maravilhoso do que o anterior, e mais arrebatador. Tinha de o deixar a ele e à Irlanda. Ele disse-me que iria ficar parado em Loop Head, onde nos conhecêramos, a olhar sobre o mar

em direcção a Nova Iorque, a mim. Chamava-se Thomas Concannon, um agricultor que queria ser poeta.

— Alguma vez... — a voz de Shannon falhava-lhe e tremia. — Alguma vez voltou a vê-lo?

— Não. Escrevi-lhe durante uns tempos, e ele respondeu. — Cerrando os lábios, Amanda fitou os olhos da filha. — Pouco depois de regressar a Nova Iorque, soube que estava à espera de bebé.

Shannon abanou a cabeça rapidamente, com uma negação instintiva, um medo enorme. — Grávida? — O seu coração começou a bater com força e rapidez. Voltou a abanar a cabeça e tentou afastar a mão. Porque sabia, sem que mais nenhuma palavra fosse dita, ela sabia. E recusava-se a saber. — Não.

— Fiquei encantada. — Amanda apertou a mão, embora lhe custasse. — Desde o primeiro momento em que tive a certeza, fiquei encantada. Nunca pensei que teria uma criança, que encontraria alguém que me amasse o suficiente para me dar essa dádiva. Oh, eu queria aquela criança, amava-a, agradei a Deus por ela. Que tristeza e sofrimento senti por saber que nunca poderia partilhar com o Tommy a beleza que adviera do facto de nos amarmos. A carta dele para mim depois de eu lhe ter escrito a contar foi frenética. Ele teria deixado a sua casa e vindo ter comigo. Estava receoso por mim e pelo que eu estava a enfrentar sozinha. Sei que ele teria vindo, e isso deixou-me tentada. Mas estava errado, Shannon, como nunca foi errado amá-lo. Por isso escrevi-lhe uma última vez, menti-lhe pela primeira vez e disse-lhe que não tinha medo e não estava sozinha, e que me ia embora.

— A mãe está cansada. — Shannon estava desesperada para pôr fim às palavras. O seu mundo estava a desequilibrar-se, e ela tinha de lutar para voltar a endireitá-lo. — Já falou muito. Está na hora do medicamento.

— Ele ter-te-ia amado — disse Amanda ferozmente. — Se tivesse tido oportunidade. No meu coração eu sei que ele te amou mesmo sem nunca te ter visto.

— Pare. — Nessa altura levantou-se, afastando-se, recusando. Havia um mal-estar a erguer-se dentro dela, e sentia a pele tão fria e fina. — Não quero ouvir isto. Não preciso de ouvir isto.

— Precisas, sim. Lamento a dor que te provoca, mas precisas de saber de tudo. Eu fui mesmo embora — prosseguiu rapidamente. — A minha família ficou chocada, furiosa, quando lhes contei que estava grávida. Queriam que eu fosse para longe, que desistisse de ti, tranquilamente, discretamente, para que não houvesse escândalo nem vergonha. Eu preferia morrer a desistir de ti. Tu eras minha, e eras do Tommy. Disseram-se palavras horríveis naquela casa, ameaças, ultimatós. Deserdaram-me, e o meu pai, como homem de negócios inteligente que era, bloqueou a minha conta

bancária para que eu não pudesse reivindicar o dinheiro que a minha avó me deixara. O dinheiro para ele nunca foi um jogo, sabes? Era poder.

»Deixei aquela casa sem um único remorso, com o dinheiro que tinha na carteira e uma única mala.

Shannon sentia-se como se estivesse debaixo de água, a debater-se por respirar. Mas a imagem surgiu claramente, da sua mãe, jovem, grávida, quase sem dinheiro, transportando uma única mala. — Não tinha ninguém para a ajudar?

— A Kate teria ajudado, e eu sei que teria sofrido por causa disso. A culpa fora minha. Qualquer vergonha que existisse, era minha. Qualquer alegria que houvesse, era minha. Apanhei um comboio para Norte e arranjei emprego a servir às mesas numa estância de férias nas Catskills. E foi aí que conheci o Colin Bodine.

Amanda esperou que Shannon se virasse e se dirigisse à lareira mortíça. O quarto estava silencioso, apenas com o silvo das brasas e o vento vigoroso nas janelas a agitá-lo. Mas, sob a quietude, ela sentia a tempestade, aquela que rodopiava dentro da criança a quem ela amava mais do que à própria vida. Já estava a sofrer por saber que aquela tempestade iria provavelmente abater-se sobre ambas.

— Ele estava de férias com os pais. Prestei-lhe pouca atenção. Era apenas mais um dos ricos e privilegiados que eu servia. De vez em quando, dizia-me uma piada, e eu sorria, como era suposto. Tinha a cabeça no meu trabalho e no meu ordenado, e na criança que crescia dentro de mim. Então, certa tarde, houve uma trovoadas, daquelas brutais. Uma boa parte dos hóspedes decidiu ficar na estância, nos quartos, e esperar que lhes servissem lá o almoço. Eu levava uma bandeja, ia à pressa em direcção a uma das cabanas porque ia haver problemas se a comida arrefecesse e os hóspedes se queixassem. E o Colin aparece-me a correr de uma esquina, molhado que nem um cão, e atira-me ao chão. Como era desajeitado, abençoado seja.

As lágrimas queimavam os olhos a Shannon enquanto ela olhava para baixo para as brasas cintilantes. — Ele disse que foi assim que a conheceu, atirando-a ao chão.

— Pois foi. E nós sempre te contámos as verdades que achávamos que podíamos contar. Deixou-me esparramada na lama, com a bandeja de comida espalhada e estragada. Começou a pedir desculpa, tentando ajudar-me a levantar. Eu só conseguia ver aquela comida toda estragada. E as minhas costas a doerem-me de carregar aquelas bandejas pesadas e as minhas pernas tão cansadas de sustarem o meu peso. Comecei a chorar. Limitei-me a sentar-me ali na lama e chorei, chorei, chorei. Não conseguia parar. Mesmo quando ele me levantou e me levou ao colo até ao seu quarto, eu não consegui parar.

»Ele foi tão querido, sentou-me numa cadeira apesar da lama, tapou-me com um cobertor e sentou-se ali, fazendo-me festinhas na mão até as lágrimas deixarem de correr. Eu estava tão envergonhada, e ele foi tão amável. Não me deixou ir embora sem lhe prometer que jantava com ele.

Devia ter sido romântico e doce, pensou Shannon enquanto a sua respiração começava a acelerar. Mas não foi. Foi hediondo. — Ele não sabia que estava grávida.

Amanda encolheu-se devido à acusação das palavras e por causa de uma nova pontada de dor. — Não, nessa altura, não. Quase não se notava e eu tinha o cuidado de o esconder, senão teria perdido o emprego. Nessa altura, os tempos eram outros, e uma empregada solteira grávida não teria durado muito tempo nas mãos de um homem rico.

— Deixou-o apaixonar-se por si. — A voz de Shannon estava fria, fria como o gelo que lhe parecia escorregar pela pele. — Quando estava à espera da criança de outro homem.

E a criança era eu, pensou ela, desolada.

— Eu tinha-me tornado uma mulher — disse Amanda cautelosamente, procurando o rosto da filha e chorando por dentro com o que via nele. — E nunca ninguém me amara de verdade. Com o Tommy foi rápido, tão atordoante como um relâmpago. Eu ainda estava cega por ele quando conheci o Colin. Ainda sofria por isso, ainda estava envolvida. Tudo o que sentia pelo Tommy se virara para a criança que concebêramos juntos. Podia dizer-te que achava que o Colin estava apenas a ser simpático. E, verdade seja dita, foi o que pensei no início. Mas percebi, ainda a tempo, que era mais do que isso.

— E permitiu-o.

— Talvez tivesse podido impedi-lo — disse Amanda com um longo, longo suspiro. — Não sei. Todos os dias da semana que se seguiu havia flores no meu quarto, e aquelas coisas bonitas e inúteis que ele adorava oferecer. Ele descobrira maneiras de estar comigo. Se eu tivesse um intervalo de dez minutos, lá estava ele. Ainda assim, levei dias a perceber que estava a ser cortejada. Fiquei apavorada. Ali estava aquele homem encantador que nada mais era do que amável, e ele não sabia que eu tinha a criança de outro homem dentro de mim. Contei-lhe tudo, certa de que acabaria ali, e triste por isso, porque ele fora o primeiro amigo que eu tivera desde que deixara a Kate em Nova Iorque. Ele ouviu, daquela maneira que ele tinha, sem interrupções, sem perguntas, sem censuras. Quando terminei, estava novamente a chorar e ele pegou-me na mão. «É melhor casares-te comigo, Mandy», disse ele. «Eu tomo conta de ti e do bebé.»

As lágrimas tinham escapado e escorriam do rosto de Shannon quando ela se virou para trás. Também escorriam do rosto da mãe, mas ela não

iria deixar que elas a fizessem vacilar. O seu mundo já não estava desequilibrado; tinha-se desmoronado.

— Tão simples quanto isso? Como é que pode ter sido tão simples?

— Ele amava-me. Senti-me impotente quando me apercebi de que ele me amava de verdade. Recusei-o, claro está. O que mais podia eu fazer? Pensei que ele estava a ser tolamente galante, ou apenas simplesmente tolo. Mas ele insistiu. Mesmo quando me zanguei e lhe disse para me deixar em paz, ele insistiu. — Um sorriso começou a formar-se-lhe nos lábios enquanto o recordava. — Era como se eu fosse a rocha e ele a onda que, pacientemente, interminavelmente, a varre até lhe desgastar toda a resistência. Levou-me coisas de bebés. Consegues imaginar um homem a cortejar uma mulher levando-lhe presentes para a sua criança que há-de nascer? Certo dia foi até ao meu quarto, disse-me que íamos buscar a certidão nessa altura e que eu fosse buscar a mala. Eu fui. Simplesmente, fui. E dei por mim casada dois dias depois.

Olhou para cima repentinamente, antecipando a pergunta antes de ela ser feita. — Não te vou mentir e dizer-te que naquela altura o amava. Gostava dele. Era impossível não se gostar de um homem daqueles. E estava-lhe grata. Os pais dele ficaram perturbados, o que é natural, mas ele afirmou que lhes daria a volta. Sendo o Colin, acho que teria conseguido, mas eles morreram na viagem de regresso a casa. Portanto, éramos só nós os dois, e tu. Prometi a mim mesma que seria uma boa esposa para ele, lhe daria um lar, o aceitaria na cama. Jurei não voltar a pensar no Tommy, mas isso era impossível. Demorei anos a perceber que não havia pecado, não havia vergonha em recordar o primeiro homem que amara, não havia deslealdade para com o meu marido.

— Que não era meu pai — disse Shannon entre lábios de gelo. — Era seu marido mas não era meu pai.

— Oh, era sim. — Pela primeira vez houve um rasgo de irritação na voz de Amanda. — Nunca digas o contrário.

A amargura agudizou-lhe a voz. — Acabou de me dizer o contrário, não foi?

— Ele amou-te enquanto ainda estavas no meu ventre, tomou-nos às duas como suas sem hesitação nem falso orgulho. — Amanda falava tão depressa quanto a dor lho permitia. — Digo-te que me envorronhei por desejar um homem que nunca poderia ter, quando tinha ao meu lado o melhor de todos. No dia em que nasceste, e eu o vi a pegar-te ao colo com aquelas grandes mãos desajeitadas, com aquele olhar de espanto e orgulho no rosto, aquele amor nos olhos enquanto te embalava contra ele com tanta delicadeza como se fosses feita de vidro, apaixonei-me por ele. Amei-o tanto quanto uma mulher pode amar um homem desde esse dia até hoje. E ele

foi o teu pai, tal como o Tommy queria ser e não pôde. Se algum de nós se arrependeu de alguma coisa, foi de não podermos ter tido mais filhos para espalharmos a alegria que partilhávamos contigo.

— A mãe quer que eu me limite a aceitar isto? — Agarrar-se à raiva era menos agonizante do que agarrar-se ao sofrimento. Shannon olhava especada. A mulher que estava na cama era agora uma estranha, tal como ela era uma estranha para si mesma. — Seguir em frente como se isto não mudasse nada.

— Quero que dê tempo a ti mesma para aceites e compreendes. E quero que acredites que te amávamos, todos nós.

O seu mundo desmoronara-se aos seus pés, todas as recordações que tinha, todas as convicções que alimentara estavam em cacos. — Aceitar? Que dormiu com um homem casado e engravidou, e que depois casou com o primeiro homem que a pediu em casamento para salvar a pele. Aceitar as mentiras que me contou toda a minha vida, a falsidade.

— Tens direito à tua raiva. — Amanda refreou a dor, física e emocional.

— Raiva? Acha que o que estou a sentir é tão simples como raiva? Meu Deus, como é que pôde fazer isto? — Afastou-se em rodopio, com horror e amargura a morderem-lhe os calcanhares. — Como é que pôde esconder isto durante estes anos todos, deixar-me acreditar que eu era alguém que não era?

— Quem tu és não mudou — disse Amanda em desespero. — Eu e o Colin fizemos o que achávamos que era melhor para ti. Nunca tivemos a certeza de como ou quando te contarmos. Nós...

— Vocês falaram nisso? — Atolada nas suas próprias emoções em rebuliço, Shannon virou-se novamente para a mulher frágil na cama. Sentiu uma vontade horrível e chocante de agarrar naquele corpo mirrado e levantá-lo, sacudi-lo. — «É hoje que contamos à Shannon que ela foi um pequeno erro cometido na costa Oeste da Irlanda? Ou será melhor amanhã?»

— Não foi um erro, nunca foi um erro. Um milagre. Bolas, Shannon... — Parou de falar, arquejando à medida que a dor a trespassava, roubando-lhe o fôlego, arranhando como garras. A visão turvou-se-lhe. Sentiu uma mão a levantar-lhe a cabeça, um comprimido a deslizar-lhe por entre os lábios, e ouviu a voz da filha, agora mais calma.

— Beba um bocadinho de água. Mais um bocadinho. Já está. Agora encoste-se, feche os olhos.

— Shannon. — A mão estava lá para agarrar na sua quando a procurou.

— Estou aqui, aqui mesmo. A dor já passa. A dor vai passar e a mãe vai dormir.

Já se esbatia, e a fadiga envolvia-a como nevoeiro. Não há tempo suficiente, era só o que Amanda conseguia pensar. Porque é que nunca há tempo suficiente?

— Não me odeies — murmurou, enquanto escorregava por debaixo do nevoeiro. — Por favor, não me odeies.

Shannon sentou-se, abatida pelo seu próprio sofrimento muito depois de a mãe adormecer.

Amanda não voltou a acordar.